

texto, operando de acordo com o modelo definido de tradução diferenciada, se demonstra assim particularmente produtiva em representar os mecanismos recônditos do pacto autobiográfico, onde a divergência temporal entre vivência e narração, que inviabiliza qualquer tentativa de decalque, remete logo para a narrativização dos dados da experiência. A rearticulação do passado por efeito da operação tradutora, a reflexão que esse processo desencadeia acerca dele, confere ao projeto literário uma outra vantagem decisiva: a de abri-lo para os outros como "lugar de reflexão" do próprio passado, ao mesmo tempo que ele se manifesta como lugar de reflexão do seu próprio fazer enquanto fazer textual (p.118).

O corte epistemológico do ensaio de Wander Melo Miranda, proporcionado pelo extraordinário manancial de temas teóricos, estéticos, políticos, que decorre da conjugação intertextual das obras de Graciliano e Silviano, se aprofunda ainda mais questionando os mecanismos próprios de construção do discurso histórico, revisados através dos elementos de desconstrução do discurso literário. A simbolização da experiência e do passado através do corpo como metáfora da história e do todo social que os dois escritores realizam, conferindo a palavra viva e marcante, torna transitiva a experiência singular do relato autobiográfico que possibilita, na aliança aparentemente paradoxal com a

ficção e seus elementos estruturais, uma escrita da história plural, onde auto-reconhecer-se coletivamente. Se incorpora assim no tempo estético do texto literário o ato "destrutivo-criativo" de salvar o passado enquanto tempo atual como Graciliano faz nas *Memórias do Cárcere*, movimento esse que Silviano amplifica no seu romance-ensaio que, problematizando não só o tema da própria forma da obra, a transforma em matriz ativa e aberta de novas experiências para os outros/leitores (p.136).

Por esses caminhos, Wander Melo Miranda constrói um ensaio onde os textos literários de Graciliano e Silviano, meticulosamente desmontados e estudados, se tornam pre-textos para uma pluralidade de implicações e inquietações, que apontam a crítica, à maneira da literatura que ela própria analisa, como espaço privilegiado de reflexão e de exegese do mundo.

Roberto Vecchi

LIMA, Délcio Monteiro de.
Os sobrinhos de Judas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 184 p.

Trinta dinheiros. Por eles o apóstolo Judas vendeu o Cristo aos fariseus. Arrependido da transação comercial mais repugnante que a cristandade conheceu, desesperado por ter traído o divino Mestre, o Iscariote enforcou-se. A imagem de

seu corpo dependurado no ramo da figueira amaldiçoada é, ao mesmo tempo, símbolo do castigo pela traição, ainda que prevista nas Sagradas Escrituras, e exemplo de auto-exterminio pela desmedida ambição. Do ano 1 aos nossos dias, Judas tem deixado incontável número de descendentes. Para estes, todos os meios são válidos para conseguir dinheiro, bens, riqueza.

Inspirado nessa grande metáfora do comportamento argentário de Judas, Délcio Monteiro de Lima intitulou seu último livro, cujo tema gira em torno do empresariado brasileiro e suas relações com o capital: *Os sobrinhos de Judas. Ou Lobos de Terno e colarinho branco* - conforme a ilustração da capa de Gian Calvi - encarando-se de frente, apertando-se as mãos e aproximando-se para um abraço de aliança cartelizada, unidos contra a Pátria.

Trata-se de mais um ensaio corajoso do autor, cujos ensaios anteriores também se voltam para temas contundentes e polêmicos que a sociedade brasileira insistia em não discutir abertamente até bem pouco tempo. Se começa a discuti-los agora - e ainda com certa timidez, devido a pressões e preconceitos de indivíduos e grupos influentes que se arvoram em donos da verdade - os livros de Délcio são, a meu ver, de leitura indispensável para o descongelamento urgente dessa discussão.

Os financiadores do Golpe de Estado de 1964, as diferentes formas de comportamento sexual, o papel sócio-econômico das seitas religiosas importadas, a trajetória da Igreja Católica no Brasil desde os seus primórdios. Esses são os temas pesquisados pelo autor nas obras precedentes, e apresentados aos leitores num discurso jornalístico competente, que prima pela idoneidade de fontes (ainda que não reveladas em rodapés nem bibliografias). Um discurso de leitura agradável porque bem articulado e claro.

Em *Os sobrinhos de Judas*, a fratura exposta é a vida financeira do empresariado nacional, destacando-se sua ambição desmedida de lucro fácil, cujas conseqüências atingem não somente o baixo padrão de vida do trabalhador por causa dos salários indignos, mas também a economia global do País: pela sangria nos cofres públicos pela sonegação de impostos, pelo trambique no pagamento das obrigações sociais, pela evasão de divisas.

É importante registrar que o autor não cai em generalizações perigosas, nem se mostra inimigo dos empresários enquanto constituintes de uma classe. Não trabalhando com categorias marxistas de análise sócio-econômica, Délcio também não os vê como o inimigo público número um. Ao contrário. No capítulo "Idolatria da esperteza", diz o autor: "A acumulação de capital ou riqueza no curso dos

anos não é, portanto, pecado ou crime, muito menos objeto de vergonha. A prosperidade do empresário não significa necessariamente desonestidade. O talento para novas iniciativas e o trabalho perseverante podem levar a uma acumulação de riqueza perfeitamente aceitável e até servir de exemplo para outros empresários que lhe sigam os passos" (p. 46).

Ainda que os marxistas discordem dessas colocações, elas atestam com certeza o nível de isenção político-ideológica de seu autor no tratamento do assunto, ao desnudar por inteiro a vida profissional íntima do empresário nacional, em suas relações capitalistas de produção completamente deterioradas. Com muitas provas e dados irrefutáveis.

Também numa posição não marxista, longe de qualquer modismo pois ela está presente em seus livros anteriores, o autor ultrapassa a questão da luta de classes, em sintonia com o sindicalismo pós-moderno e em sua forte vertente brasileira. Afirma Dêlcio que a mentalidade da desconfiança e da animosidade entre patrões e empregados precisa acabar, pois uns não podem abrir mão dos outros, na condição de parceiros que são.

Entretanto isso não significa que a debilidade de organização dos trabalhadores resulte no aproveitamento da exploração do trabalho assalariado, através da fixação de salários não negociados. Se, por um lado, a luta de classes

sempre foi o pilar de sustentação do marxismo, acrescentamos, por outro lado nos parece legítima a tentativa de incrementar todas as forças sociais, para que se alcance o socialismo democrático sem passar pelo estágio da luta concreta e da ditadura do proletariado. O autor acredita nessa possibilidade. É o que se lê nas entrelinhas de seu texto.

Nos termos dessa crença política, Dêlcio não ataca o empresário enquanto abstração, mas os maus empresários, comparando-os inclusive com os de outros países para ressaltar as fraudes e o mau desempenho dos brasileiros:

"Enquanto o europeu ou americano busca, num esforço continuado, o fortalecimento de sua empresa, o homem de negócios brasileiro persegue o enriquecimento pessoal rápido. Nessa diferença de objetivos está toda a orientação de comportamento e as implicações inerentes a atitudes e compromissos com a comunidade.(...) Um possui consciência da responsabilidade social, enquanto o outro visa tão somente o lucro" (id.ib).

O lucro, a esperteza, a ambição. Eis os tipos de corda que boa parte dos nossos homens de negócios fabrica, por enquanto sem medo de falar em corda em casa de enforcado. A saída para Judas foi amarrá-la no pescoço e apertar. A saída de seus sobrinhos, na versão nacional contemporânea, e, segundo Dêlcio, bem diferentes dos sobrinhos de Sam, tem sido

amarrar a corda no pescoço dos trabalhadores e na porta dos cofres públicos, culpando o governo pelo esvaziamento destes. Até quando?

Délcio Monteiro de Lima não aponta soluções, nem é esse o seu propósito. Ele descreve, revela dados, estatísticas, compara, ensaia interpretações. Uma coisa é certa: Se não houver uma transformação radical nas estratégias de ação dos sobrinhos de Judas, vendedores do Brasil e compradores do trabalho humano por quaisquer trinta dinheiros, em breve as nossas figueiras serão pasto de corvos.

Letícia Malard.

NEVES, Jeter. *A língua da serpente*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993. 240 p.

Dentre as diversas possibilidades de leitura do novo livro de Jeter Neves, a idéia da conjuração delinea-se como caminho instigante. Isso acontece não apenas porque o tempo básico da narrativa é um certo 21 de abril, dia de Tiradentes, chefe da conjuração mineira, mas também, e principalmente, porque outras formas de conjuro encontram-se presentes na narrativa.

O conjuro feito por Morena, a maga artesã, contra o Dr. Sauro, empresário do ano, agraciado com a medalha da Inconfidência, faz-se, pois, metonímia de minha leitura e,

como se poderá ver, da própria narrativa.

"Ó imperador Lúcifer, mestre de todos os espíritos rebeldes, sê favorável à invocação que faço a teu grande ministro Lucifuge Rofocale, pois desejo estabelecer um pacto com ele... (...) Eu te chamo, Espírito do Mal, espírito cruel, espírito sem piedade. (...) Vai e coloca um nó ao redor da cabeça do Empresário Mineiro do Ano, meu inimigo, inimigo dos meus, inimigo das artesãos, inimigo dos iniciados; (...)" (p.92).

A relação entre o nó do colar da medalha e o laço da forca de Tiradentes, mártir que dá ensejo à comemoração, é denunciadora do uso esvaziador da palavra liberdade. Entre estes dois nós instala-se um outro, o nó do garrote-vil, instrumento que matou o pai de Morena, vítima da repressão da ditadura militar dos anos 60 e 70, e que ele mesmo fabricara durante seu tempo de "reeducação" na prisão.

"Os relatos falam da cara de terror do sentenciado quando o torniquete, às primeiras voltas, inicia a compressão da nuca, e o pescoço, *enlaçado* pela coleira de ferro, recebe a pressão na garganta (...)" (p.66).

Assim é que se relacionam as duas partes do livro: "O Relatório" e "A Relação". O relatório, que descrevia as atividades de reeducação do prisioneiro, surripiado por Thot da rede dos poderosos, faz parte da relação, o ato de relatar. Não é por acaso que